

O PACAJÁ

QUINTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 1903

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO LXXXIII, N.º 116 DE NOVEMBRO DE 1903.

N.º 25

O PACAJÁ.

Visto o *Chronista* do « Argos » não ter querido aceitar o nosso desafio de nos mostrar como existe a immortalidade nos artigos *Verdade e mentira* e de ter fingido da mesma quezela por nos apresentada: satirizando sentando-se com subtil fugio e sofismas, mostrando assim não ter consciência do que dizia, declaramos **mais que não nos mereço nenhuma atenção e que não o damos mais resposta.**

Podem o *Chronista* continuar com suas missivas a nos dirigidas, e dizer tudo quanto quiser por que não ligamos nenhuma importância a suas *leões*, por que ellas não são filhas sem do despeito e talvez do costume de atalhar a tudo afim de celebri-ar-se, por um meio tão ridiculo.

Somos crianças, bem disse o nobre *Chronista*, porém ao menos mostramos que temos mais senso que o mesmo *Chronista*, pois não fomos nós o autor dessas rixas que entre o *Pacajá* e o nobre *escritor de chronistas* tem havido. Admiramos que campando-se de *senador* o *Chronista*, tenha-se metido a bulhar com as crianças e com o *maloque Pedro*, desmentindo-se assim perante o publico aquem o *Chronista* deve algumas atenções e acatamento.

Repetimos mais uma vez: — o nobre *Chronista*, pode dizer tudo quanto lhe apraz, por que nós felizmente ou vaidosamente achamo-nos sobreancetras nestas *malhar nas proprias* de um tal *Chronista*, como é nosso censor.

As crianças terão bastantes energia para calcar aos pés, para pisar com os laços de suas botas, essas misérias, essas vilezas, esses despeitos do *Chronista*; terão animo de misgalhar a cabeça dessa sordida serpente que pretende lançar sua noventa e venenosa *pecuinha*.

Gracias a recente *presidencia* do Exe. Sr. Comendador João Francisco de Souza Coutinho de ter tomado a acertada medida de mu-

dar de sitio a Capitania do Porto, para o lugar de Santa Barbara, ella já pôde no Domingo a lancha ministrar-se contra a diversões embarracadas que hão a coisa, em consequencia do grande pampetro de mil que nesse dia calho. Não podemos deixar passar sem louvor, o *patrão-mor* da mesma o Sr. Manuel Ignacio Mendes pela actividade e prontidão com que socorreu a essas embarracadas de que fallamos semo-nos bem secundadas neste louvavel empenho pelo Sr. José de Souza Guadalupe irmão do mesmo arsenal.

A redacção deste periodico louva ao Exe. Sr. Vi e Presidente por ter em tão breve tempo acertado com essa necessidade tão palpitante.

Pedro e seu amo,

Hoje sou, alheado et mes amos. Mas que tem vme? q' tanto riem-se? Não riem-se que o caso é serio. Talvez achem-me mais *gambaleo* ou mais *horribundo*? ou sera do meu comprimento a franceza? Se tal é, não devem fazer caso porque hoje tudo anda a franceza: até eu mesmo. Porém contanto ahí ha entre vós, quem seja tres vezes mais francez do que eu.

--Como assim Pedro?

--A *franceza* hoje abunda *in totum*. Ha, alionho, entre esses que agora riem-se de me verem aqui curvado com todo o respeito com o chapéo na mão, e o riso nos meus labios *rosos* deixando á mostra a minha alva dentada q' sobressale na cor *arvacada* de minhas *jujivas*, e que agora corresponde com muitas *frats* e *rizos*



aos meus compatriotas, e logo lá despa-
diu depois de apanhar o dinheiro a mão como
um signo de amizade. Vi o *van-nem-ner*
nao pôr e então de mãos *ber-nem*, como
um perfeito homem de bem.

--E' c'esse la' m'ltas', Paulo.

--Por esse caso me'nto e' q'ue não de-
vem admirar-se e' eu os tratar a *frader-a*.
Oh! m'ltas', de m'ltas' m'ltas', hau' vá al-
gum' frader, me'nto e' depois o' p'ingo de
Pedro' lei de ver-se' (m) tal'ra.

--Não ha' duvida, Pedro', ^{pedes} faltar
rati' toda' frader' e' sem' suso', pois
quem não quise' cony'ji' que tape os olhos.

--Aqui ta-to', n'hom'io', eu tambem
penso assim. **U. T. C. P. L. S. P. S.**
U. T. C. P. L. S. P. S. sig' no' c'erta. Não se' q'ue
de, n'hom'io', *q'ue se' um' p'ro'f'ra'io'*
que eles não tom'ra' *hau' rati' m'ltas'* e
depois não affirm'ra' *pedras* (ou) a tua
tão d'antido.

--E' ter-se' *pancrevia*, Pedro', e' *h'ar-*
se a cruz ao cal'vato.

--E' o' que' *h'issu*, n'hom'io'.

--Diz-me, le'ra' a' *ch'ou'ra* de' Sabbath?

--E'j, sim senhor.

--E' o' que' dizes a' respeito?

--A respeito do *reyv'ic'io*, como' que
toda' a' implican'cia' com'igo', e' de me' ven'ra'
sempre' *estampado* to' *just'ic'io* que
n'hom'io' escreve', e' a' minha cor' parece
causar-me alguma' repugnancia', ou algu-
ma' emog'io' *partida* da' *conscien'cia* do' *nosso*
ent'eo'; pois faz-me' isso' tembrar dos' gal-
los que' quando' ao' ver' *olho*, *arrip'io* as
penas, *deh'ozzo* a' *eti'ra*, pois talvez' que
haja bastante' *religio'* entre mim' ou' entre
minha' cor' e' a' do' meu' censor' q' tanto se' *leia*
emcom'p'ar'io' com' a' *minha* *peg'ra* desde
que' *fixe* o' *praser* de' *apresentar-me* ao' *pu-*
blico.

Geralmente, n'hom'io', quando' somos
feitos, não *gostamos* de' ver' *nossa* *caricatura*
por ali' *espalhada*, e' quando' a' *vimos* sem-
pre' temos um' *sol'asso*. E' pois, n'ho-
m'io', o' que' eu' tenho' *coligido*.

--Ha' de ser'; *quasi*, que' *posso*
te' que' *teus* *rasão*.

--Eu, n'hom'io', *tinha* uma' *certa* *cousi-*
nda a' *contur-me*...mas...

--Hau' o' que' e', Pedro'?

--Ah! n'hom'io', eu' não' *posso* *dis-c'it*, *po'*
que' *tenho* *muito* *trabalho* do' *h'om'io'* e' *por*
isso *emp'arado* *em* *m'ltas* *co'isas* *uma*
de'vo *dizer*.

--E'iss' *dis-c'it*, Pedro', que' não' *le* *em*
com'm *as* *co'isas*, *deixa* *o* *falar*
at' *quando* *quizer*, pois *algum* *dia*, *ca'*
ca' *ca'*.

--E' o' que' eu' *ca'*, n'hom'io'. *Deixara*
esse *g'raldo* *quem* *qu'ier* *que* *seja*, *represen-*
ta' *o* *papel* *do* *ca'* *ladrao* *al'm*, e' *passo*
a *responder* *l'm* *com* *quatro* *versus* *da* *hei*
la *sit'ua* *de* *Boage* *a* *K'nt'o*?

- a) *Sal'ras* *presta'*, *s'ha'it* *se* *est'imo*
- Quanto* *tr'alla* *cal'm'ia* *o* *lei* *há* *verte*
- Q'ua'* *l'ra* *voz* *de* *ceas* *tr'*, *há* *voz* *de* *Z'ito*,
- b) *Vi'ro* *M'la'*, *o'* *h'ito* *gradua'*.

e' *don'* *ampla* *em* *mi's'io* *para* *o* *g'raldo*
Chronista *dizer* *tudo* *de* *minha* *pr's'ia* *de*
ca'itar

--Mas, Pedro', o' que' *s'ib'is* *de* *nova*?

--Nada', n'hom'io', *nada* *enteiramente*
nada. *Não* *tenho* *metido* *meu* *nariz* *em*
centos *negocios* *que* *há* *por* *ali'*, *por* *andar*
muito *des'ob'ido* *com* *essas* *aut'or'ida'*
ras *que* *le'm* *hav'io*, e' *le'm* *muito* *me'lo* *do*
g'raldo *como* *dis* *o* *nosso* *am'go* *T'cho'ra*,
rapaz *que* *presa* *a* *boa* *or'ato'*, e' *ainda*
mais *o* *com'm'o* *que* *diz* *Deus* *ler* *concedi-*
do *ao* *g'nero* *humano*, e' *al'm* *d'isso* *eu*
não *at'ro* *seu* *reg'io*, *visto* *estar* *a* *me'gado*
por *tantos* *g'raldos*, *encom'equ'ira* *de*
ler *vis'io* *a* *ca'usa* *de* *ou'e* *varas* *depois*
de, *ver-me* *metido* *em* *ca'cas* *pardas* *o* *que*
tudo *conco'ra* *muito* *para* *eu* *le'ar* *em* *no-*
vo *d'ar'at'ia*; e' *por* *isso* *deixamos* *de*
g'raldas.

--P'osto' *ao* *espectaculo* *no* *dia* *S. Pedro*?

--P'ri' *sim* *senhor*; *nada* *hou'e* *de* *novi-*
dade *que* *valha* *com'm'icar-se* *na'* *ser*
o *bom* *descom'po* *de* *todos* *que* *de'ra'* *nos*
o *praser* *de* *nos* *ent'rar* *algumas* *horas*.
Demorei-me *algum* *tanto* *no* *botiquim* *e* *da*
mesma *maneira* *sahi* *a* *respeito* *de* *novida-*
des -- *antes* *assim*. *Lá* *conser'ia* *a* *ex'isteu-*
ca'um *um* *boc'lo* *do* *P'orto* *red'm*, *pre'ioso*
nectar, e' *depois* *de* *ch'uch'ar* *algumas* *pasteis*,
pa'o *de* *lot*, e' *retirei-me* *com* *algumas*
badas *de* *est'allo* *para* *a* *plact'ia* e' *ajudei*
aos *meninos* *a* *dar* *seis* *est'at'ivos* *al'm* *de*
tomar *a* *festa* *mais* *bella*.

—O, gelaste a grande humilhação!
 —Oprimida, humilha, meter-me a falda a-
 gora na tua ^{judicial} Alca. o ^{procurador} D. Glicerio, mas dar licença a quem eu faldo de
 outras coisas.

—Não concabo, Pedro.

—Porque não?!

—Porque não quero.

—Pois, nhahito, fada mal dizer que
 estás ao ^{procurador} D. Glicerio de

hossos ^{procurador} e matto ^{procurador} ju-
 ris da ^{procurador} estamos em um estado de-
 plorable? que a pobre mulher D. Recinta

essa desgraçada mal do ^{procurador} está sendo
 maltratada pelo ^{procurador} de seu marido o Dr.

Despriza que em sua forma hetericea e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

maço ^{procurador} quechamam ^{procurador} e seu
 furoz infernal aliça-lhe com seu enorme

Pedro e sua ama.

AURORA.

A Juvencio Duarte Silva.

A manhã! a manhã! cal-a que son-
 Co rosto accoso em visões nilton-
 floniu innocente vau-piu escultando
 Pela primeira vez fallas de amor.

Silva Ferraz

Es que surge a ^{aurora} bafejada pelo
 zophiro matutino!

Li -V, que surge, com as farrs brilha-
 lis de ^{paço} rabou, ^{monophant} a uma vi-
 -cau tu seu despetal!

Li -V, que surge (deia d'esperanças e de
 vida) para horas depois o som ^{paço} pra-
 gente da Ave Maria di, et the-ria restes!

Li -V, que fassa o Hegda ^{paço} que a enco-
 bra! (isto e bello agota) o ceo! Ainda
 vejo uma estrellinha com sua luz am e-
 cula!

Tudo e mudez! mas eis que a mudez e
 quebrada pelos ^{paço} sobressas cantates do Ma-
 Viososaria, semelhante a um hymno, em
 louvor da ^{paço} que o veio despertar!

Canal, oh! ave ^{paço} heiteira, que eu escu-
 to a tua celeste harmonia!

§

Oh! eis que se ^{paço} extingua a última estrel-
 la que ainda ^{paço} emeva no ceo de azul sebita.

Como a aurora surge radiante! Oh! eu
 te saúdo mo idade do dia!

Giro o vento e brando, e suspiras suas
 magous nos seios das flores, que mais que
 nunca ^{paço} exhalas perfumes tão inebria-
 tes!...

Oh! como es bella e me fazes esquecer
 os dissaberes da vida!

fiem vinda sejas lá!

§

Ah! vejo uma rosa, a desabrochar, co-
 mo um aam em começo... doces com os
 deos e ella deixa cabir suas folhas!

Como es delicada, oh! flor!

Seria talvez pelo ^{paço} segredo que aquella
 borboleta te ^{paço} combi quando te beijava?

Talvez que sejas ^{paço} cinnus daquella rosa
 rubicunda que ali ^{paço} cinnis! Não tebas!...

em ^{paço} tambem te amo!

Não eras na borboleta araliosa pois
 não é verdade o que ella te disse.

Ella não te ama... não ves florinha
 mimosa que ha pouco ^{paço} ella te beijo juran-
 do-de amor, e agora lá está cochichando

com outra flor, e assim vai embriagando-se,
 bebendo o delicioso mol com que a ^{paço} madru-
 gada ^{paço} orvalhou tambem as tuas rivais?

El la não ama; não tem amores, e como lar-
 ga as tuas mimosas folhas vai o mesmo

imitando com as outras e fazendo a todas,
 como a ti, morrer d'amores.

...a hora, em te s'ento minha tanta voz,
mas que contina assombrada, que os chorões
da natureza me mostram mais luctuosas.

Tristia.

NÓ ALM M

DE FERMINO DA ALLE SILVA

Quando ha so no peito saudade e dores
Descelega amarga de um soldier insano
Quando o futuro ja nas mostra triste
Futuras negras um fatal engano
Quando a pra febre do desalento
Nos mostra a perda d'um futuro inteiro
Que pode o vale dizer nos cantos
Quem deve um canto he pedir figurado

E triste a sina de quanto enora e cabla
o mundo fizesse e har (sem mo) as duces
Chama riu covarde, e ha das mentes...
E um triste louca a foliar de attores.
Nao tenho cobras a ninguem de adon,
Do pobre a sina nao ha saber ninguem
Que imporia o mundo mau vevar tao triste
Saber e um crime, e o chorar tambem.

Leitel.

Este jovem poeta monca poucos versos
depois de escrever esta poesia. Era a ultima
coral par tida da sua harpa.

A decifração do Khygma Pillorese publico
blicado no n. 25 do avistado so tem des-
truido nas mãos de justiça.

ANNUNCIO.

N. 2 A LARGO DE PALACIO N. 2 A

O abaixo assignado participa ao respeitavel publico que acaba de receber pelo vapor Brasil um rico sortimento de fazendas, as quaes são as seguintes:

- Capas de nobreza preta de folio de mangas.
- Ditas " " sem mangas.
- Mantelotas de nobreza preta bordadas.
- Chales moderados a matambique.
- Vestidos de linho bordados para baptizado
- linho preto lizo de algodão.
- Ditto " de salpico.
- Peitos para camizas.
- Selins de cores diverças.
- Longos de cambraia bordados para mão.
- Ditos " seda sortidas em cores.
- Cortes de vestidos de la e seda modernos
- Tucas bordadas de cambraia.
- Saias á baño de gaiola.
- Ditas de moreolina com 14 arcos.
- Cortes de vestidos de seda preta barraos
com babados.
- Ditos " " " " de cores abrocha
de ultima moda.
- Sedas de cores floridas para vestidos.
- Zuavos de moreolina branca.
- Ditos " popolina de cores.
- Cambraia de linho emfestada finissima.
- Um linho sortimento de moreolinas france-

- zas de cores.
- Em dito " " chala em cassa.
- Um dito " " " morim lar-
gas.
- Saias de cordão.
- Alpaca preta de diverças qualidades.
- Cortes de casemira francezas de cores.
- Ditos " beim de linho " "
- Beim de linho em pessa.
- Belbutina preta e de cores.
- Pano preto fino francez.
- Ditto " regular.
- Ditto azul fino.
- Casemira preta fina franceza.
- Ditto " regular.
- Casemira de lam sortidas em cores.
- Gravatas de seda pretas e de cores.
- Selimota branca fina.
- Um rico sortimento de perfumarias e
outras mais fazendas de lei tudo isto
vende-se por como preço.

Desterro 1º Outubro de 1862.

Antonio Zerega.